



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB.

GILTANEA HERCULANO MORATO

CAMPINA GRANDE
2013

GILTANEA HERCULANO MORATO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB.**

Projeto de Pesquisa apresentado na disciplina de Metodologia Científica como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização *Lato Sensu* formação de Professores da Educação Básica.

JULHO DE 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M831i Morato, Giltanea Herculano.
A importância da afetividade docente no processo de aprendizagem das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Campina Grande – PB [manuscrito] / Giltanea Herculano Morato. – 2013.

33 f.

Digitado.

Monografia (Especialização em Formação de Professores da Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

“Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Educação”

1. Relação afetiva. 2. Relação professor-aluno. 3. Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 371.1023

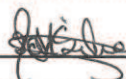
GILTANEA HERCULANO MORATO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB**

Monografia apresentada no Curso de Especialização Formação de Professores da Educação Básica em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 28/04/2014

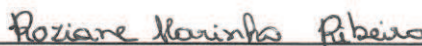
Banca Examinadora



Profa. Dra. **VALDECY MARGARIDA DA SILVA**
Orientadora (UEPB)



Profa. Dra. **PAULA ALMEIDA DE CASTRO**
Examinadora (UEPB)



Profa. Dra. **ROZIANE MARINHO RIBEIRO**
Examinadora (UFCG)

Dedico esta produção primeiramente a Deus, que é o nosso ser supremo.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e torceram para que eu vencesse esta etapa da caminhada.

E a minha orientadora Dr^a Valdecy Margarida, que desde o nosso primeiro contato já foi acreditando em mim e me incentivou para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores pela disponibilidade e estímulo que me deram durante todo curso.

A minha família, pela confiança, motivação e apoio durante todas as horas difíceis de minha vida.

Aos colegas de curso, pois junto trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Aos que não impediram a realização e finalização deste estudo.

“Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um.”

(Platão)

RESUMO

Este trabalho fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no final dos anos iniciais do ensino fundamental. Objetiva-se em buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a realização de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio da aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas, que continham questões sociais, econômicas e culturais. Durante a escolarização da criança pressupõe-se que haverá várias interações, nas quais a afetividade está presente. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Sendo que o professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Por meio da pesquisa realizada em uma Escola da rede Municipal da Cidade de Campina Grande, pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam bem claro que tais sentimentos representam um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

Palavras chave: Relação afetiva; Escola; Processo de aprendizagem; Respeito; Diálogo.

ABSTRACT

This work is based on present contributions of affective relationship to the learning process, comprising as it does the emotional relationship between teacher and student at the end of the early years of elementary school. Objective is to seek the main educational and pedagogical reference works on affectivity in the learning process, listing contemporary research reflecting on the contributions of the relationship between teacher and student for the school learning process. For this study, besides conducting a literature search, there was also the realization of a field study of exploratory investigative character through the application of a questionnaire with objective and subjective, containing social, economic and cultural. During the child's schooling is assumed that there will be several interactions, in which affection is present. The school should provide a space for reflection on the student's life as a whole, contributing to the development of a critical consciousness and transformative, in which this process should not dissociate affectivity. Since the teacher is critical to student learning, making the affectivity of the elements that influence this process. Through research conducted on a school network Municipal City of Campina Grande, one can see that the affection is essential to educational achievement, since the words of the children make it clear that such sentiments represent an important aspect in the process learning, which is based on mutual respect, dialogue and especially the mutual affection.

Keywords: Chemistry; School; learning process, Respect, Dialogue.

SUMÁRIO

1.0 - INTRODUÇÃO	10
2.0 - OBJETIVOS	11
2.1 - OBJETIVO GERAL	11
2.3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3.0 - JUSTIFICATIVA.....	12
4.0 - METODOLOGIA	14
5.0 – O QUE É AFETIVIDADE?	15
5.1 – AFETIVIDADE NOS SÉCULOS XVII E XIII.....	15
5.2 - A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM.....	17
5.3 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E DA FAMÍLIA NA VIDA DO EDUCANDO.....	19
6.0 – CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DAS CRIANÇAS ENTRE SEIS E OITO ANOS:	22
6.1 - O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL HUMANO	23
7.0 - O RELACIONAMENTO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.....	24
8.0 – RESULTADOS E DISCURSÕES	27
11.0 – REFERÊNCIAS	34

1.0 - INTRODUÇÃO

Atualmente há uma grande discrepância quanto à conceituação dos fenômenos afetivos, na qual as preocupações educacionais têm sofrido algumas mudanças ao longo dos anos, fatores que influenciam a aprendizagem.

A afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se as vivências dos indivíduos e as formas de expressão mais complexa e essencialmente humanas. Pois vivemos em uma época em que o tempo é limitado, em que os pais necessitam trabalhar o dia inteiro para o sustento da família.

Logo, esta ausência provoca um distanciamento entre pais e filhos, o que acaba acarretando problemas afetivos nas crianças e no processo de ensino- aprendizagem onde a criança não tem motivação em aprender.

O professor tem que estar preparado para trabalhar a afetividade do aluno paralelamente ao trabalho feito com o cognitivo da criança. Caso contrário, poderá encontrar muitos problemas em relação à disciplina e, conseqüentemente, aprendizagem. **Vygotsky (1994)** configura uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem. É através da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais.

O autor destaca a importância do convívio social, que traz a idéia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de socialização entre as pessoas.

Sendo assim, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através do diálogo social com as pessoas que a rodeiam, se desenvolve, como acontece nas relações humanas, onde os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes na construção do sujeito. Todo trabalho desenvolvido pelo professor na escola depende de envolvimento afetivo, esta relação afetiva contribuirá para o desenvolvimento educacional.

A criança precisa sentir segurança, apoio e proteção por todos que fazem parte do meio em que está inserida, família, escola, sociedade.

Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Conseqüentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque.

2.0 - OBJETIVOS

2.1 - OBJETIVO GERAL

Observar a influência da relação afetiva entre o docente e as crianças no processo de aquisição de aprendizado, no 1º ano do ensino fundamental.

2.3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas, como as de *Piaget* e de *Vygotsky*, referências sobre a afetividade no processo de aprendizagem;
- Elencar pesquisas atuais que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar;
- Analisar e discutir, através da pesquisa de campo, o desenvolvimento cognitivo das crianças através da afetividade;
- Compartilhar as experiências vivenciadas em sala de aula com os demais docentes do fundamental I da instituição onde a pesquisa foi realizada.

3.0 - JUSTIFICATIVA

Tem-se como preocupação conhecer e entender a influencia da afetividade entre o docente e o aluno, como um meio que facilita o desenvolvimento da aprendizagem das crianças do 1º ano do ensino fundamental.

Atualmente muitos são os problemas enfrentados pelos docentes, dentre eles podemos destacar, a agressividade e a indisciplina, isso tem gerado afastamento entre o docente o aluno.

Um professor que trabalha apenas como um transmissor de conteúdos deixando de lado importantes elementos que envolvem a formação da criança estará apenas contribuindo para a formação de seres carentes de afeição e cada vez mais revoltados coma educação, formandos assim apenas pequenos analfabetos funcionais, sabemos que durante o processo de aquisição de aprendizagem, não se pode esquecer-se da base humana do educando e apenas cuidar de seu desenvolvimento intelectual.

A escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais, em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 22-23) defendem alguns princípios que deveriam orientar a educação escolar, como a dignidade da pessoa humana, o que implica respeito aos direitos humanos, a igualdade de direitos, a participação como principio democrático e a com responsabilidade pela vida social. Desse modo:

“Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitem desenvolver as capacidades necessárias para participação social efetiva.” (1997, p.25)

Isso mostra que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.107-108) retratam a importância de o ensino fundamental trabalhar para assegurar a formação do indivíduo, contemplando os temas morais, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade, fazendo com que o aluno seja capaz de respeitar as diferentes formas de expressão e participação, expondo seus pensamentos e opiniões de forma a ser entendido.

Dessa forma os resultados deste estudo poderão dar mais um suporte para todos os profissionais que lidam com a aprendizagem da criança mostrando como a afetividade pode influenciar positivamente no processo de aprendizagem.

4.0 - METODOLOGIA

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual valeu de teóricos que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem, buscando obter o máximo de informações e esclarecimentos que contribuíssem para a resolução dos problemas aqui apresentados.

Realizou-se uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, em uma escola da rede Municipal, localizada no bairro Pedregal, em cidade de Campina Grande – PB. Esta oferece atendimento educacional especializado, realiza suas atividades nos três turnos, porém as series do fundamental I somente no turno tarde, atende aproximadamente 200 alunos no turno tarde, por ser uma instituição de um bairro periférico, as crianças são bastante desprovidas das necessidades básicas.

Observamos uma turma do 1º ano do ensino fundamental composta por 25 alunos e uma professora e terá como modalidade de pesquisa o método qualitativo, iremos acompanhar a sala de aula com alunos com idades que oscilam de 06 a 08 anos de ambos os sexos. Usaremos o método da observação, respectivos relatórios.

A interpretação dos dados teve como objetivo contribuir com as discussões em torno da afetividade, buscando na conversa com os alunos o quanto ela é importante no processo de aprendizagem dos alunos no final dos anos iniciais do ensino fundamental.

5.0 – O QUE É AFETIVIDADE?

Num sentido amplo, a afetividade pode ser compreendida como o conjunto de emoções, sentimentos e sensações presentes na vida do ser humano.

No contexto da sala de aula, esse conceito tem um sentido muito maior, que envolve amizade, respeito, carinho e troca de experiências, podendo caracterizar mudanças que imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem.

Num primeiro momento, as relações afetivas em sala de aula podem ser relacionadas aos beijos, abraços e cuidados, mas na verdade é muito mais que isso. A afetividade é a capacidade de provocar mudanças no outro a partir de sentimentos despertados nele através da interação e da troca de experiências. Ela pode fazer com que o educando apaixone-se pelo conhecimento e descubra o prazer em aprender.

A afetividade é um elemento fundamental nas relações interpessoal presentes na sala de aula, pois ela surge da interação entre os alunos e professores. Ao interagir com outras crianças, mesmo que na brincadeira, o aluno constrói valores e adquire novos conhecimentos a partir do que o outro sabe e do que é vivido naquela brincadeira e desenvolve-se em todos os aspectos: Cognitivo, social, afetivo e motor. No Caso da interação entre professores e alunos, a afetividade adquire uma importância ainda maior, pois entre outros aspectos, é a postura do educador e suas práticas pedagógicas que despertam ou não o interesse e a motivação do aluno em aprender.

5.1 – AFETIVIDADE NOS SÉCULOS XVII E XIII

Segundo Brust (2009) A afetividade não é uma temática contemporânea, mas histórica.

Diante dessa afirmação torna-se preponderante discutir e elencar reflexões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade e da moral. Dentre os teóricos que abordam a questão da afetividade, destacam-se Comenius e Rousseau.

Comenius (2002, p.85) refere-se ao cérebro na idade infantil como úmido, tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhes é ensinado. No cérebro do homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade.

Segundo ele, o homem para ser homem, criatura racional, deve ser instruído nas letras, nas virtudes e na religião, tornando-se capaz de levar a vida presente de modo útil e de preparar-se dignamente para a vida futura. Todos devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, para que ninguém no mundo se depare

com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado.

Diante disso, Comenius (2002, p.109) propõe uma educação escolar na qual:

- I. Toda a juventude nela seja educada (exceto aqueles aos quais, Deus negou inteligência).
- II. Seja educada em todas as coisas que podem tornaro homem sábio, honesto e piedoso.
- III. Essa formação, que é a preparação para a vida, seja concluída antes da vida adulta.
- IV. E seja tal que se desenvolva sem severidade e sem pancadas, sem nenhuma coarctação, com a máxima delicadeza e suavidade, quase de modo espontâneo (assim como um corpo vivo aumenta lentamente sua estatura, sem que seja preciso esticar e distender seus membros, visto que, alimentado com prudência, assistido e exercitado, o corpo, quase sem aperceber-se, adquire altura e robidez); da mesma forma, os alimentos, os nutrimentos, os exercícios se convertem no espírito em sabedoria, virtude e piedade. (COMENIUS, 2002, p.109).

Segundo seu pensamento, a escola necessitava de princípios fundamentais de reforma, em que seu novo método consiste no aspecto do homem, por natureza, estar pronto para aprender todas as coisas. Isso porque “As sementes da moral e da piedade são por natureza inerentes a todos os homens (com exceção dos monstros humanos, segue-se necessariamente que precisam apenas de um pequeníssimo estímulo e de sabia orientação” (COMENIUS, 2002, p. 113).

Seguindo a visão comeniana, Lopes (2003, p.93) afirma que, naquele momento da história, se preconizava a necessidade de mudança da instituição escolar; ele criticava a maneira como ela estava funcionando. A seu ver a escola era enfadonha, severa e a disciplina exercida a pancadas.

O homem, ainda que a corrupção procure cegar-lhe o entendimento, jamais pode extinguir de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Assim sendo, depende de nos reavivar a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso esta ao nosso alcance, na visão de Comenius (LOPES, 2003, p.98).

Lopes (2003, p. 115) constata que, numa concepção comeniana, a profissão do professor deve possuir características próprias, como ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e integridade moral, dedicado exclusivamente ao ensino, pois o pressuposto da questão moral consiste no exemplo da vida.

Do mesmo modo como Comenius, em pleno século XVII, fala da necessidade de uma educação não cansativa, em que o professor tenha o papel de ensinar e não de maltratar os seus alunos, Rousseau, no século XVIII, também descreve as ações e condutas que um preceptor deve ter diante de seus alunos.

O ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o aluno:

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrarias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se

oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 1994, p.23-24).

O sucesso da educação deve ser medido pelo grau com que o professor é amado, respeitado e estimado por seus alunos. O objetivo da educação de uma criança propõe a formação do coração, do juízo e do espírito.

Rousseau (1994, p. 63) entende que um bom professor não deve sobrecarregar seus alunos com trabalhos difíceis, mostrando-se apenas severo e zangado, construindo assim a reputação de um homem rigoroso e rude.

O professor deve participar dos divertimentos de seus alunos, fornecendo atividades que os agradem e exerçam sua curiosidade, de modo que se sintam melhor ali do que em qualquer outro lugar, mais também fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio impulso.

Segundo Cerizara (1990, p.82), Rousseau pensava a infância como um período necessário à formação do homem. Era preciso observar atentamente o aluno antes de dirigir-lhes a palavra, não exercendo coerção sobre ele. Pois, assim como cada etapa do desenvolvimento do homem requer uma educação particular, também é preciso levar em conta as diferenças de temperamento de cada criança.

Rousseau (apud CERIZARA, 1990, p. 101) diz que a observação é um instrumento indispensável para o trabalho do professor no conhecimento das particularidades de seu aluno. Tendo por finalidade a educação segundo a idade e a educação segundo o caráter, ao passo que o educador deve conhecer as características gerais da infância e as peculiaridades de cada criança.

Cerizara ressalta:

Como a proposta da educação rousseuniana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano (1990, p.108).

De acordo com Cerizara (1990, p.166), a educação deve ser um meio de construir um novo indivíduo para viver em uma nova sociedade, estando apto a enfrentar a realidade tal como ela é, de modo a fazer uso tanto da razão quanto do sentimento, conhecendo a si próprio e a seus semelhantes. Isso se dá pelo fato da criança não ser capaz de assumir-se como ser moral, precisando do adulto para orientá-la em busca da independência e autonomia.

5.2 - A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar, que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. É, também, oferecer diversas ferramentas para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos. Determinar aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

O educador é, sem dúvida, a peça mestra nesse processo de educar verdadeiramente, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental.

Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades de desempenhar uma prática democrática efetiva que eduque positivamente.

Sobre esse assunto Nóvoa (1991) afirma que *“não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”*. Porém, não se quer dizer, com isso, que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do educando durante sua vida educativa, mas sim, que o seu papel é de vital importância, seja como pessoa ou como profissional.

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador.

A inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as intuições na construção do conhecimento tem sido enfatizada por diversos autores.

Snyders (1986) afirma que quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é o contrário do conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender, alegria de compreender. Mauco (1986) comenta que a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.

Goleman (1997), ao desenvolver o conceito de inteligência emocional salienta que aprendemos sempre melhor quando se trata de assuntos que nos interessam e nos quais temos prazer.

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de

cooperação. Sem o auxílio e o exemplo do professor pode se tornar uma tarefa árdua, pois a criança se espelha no exemplo e quem é o exemplo na escola se não o professor.

Paulo Freire, em seu livro *Professora sim, Tia não* (1997), afirma a importância dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento. Diz que “...é necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca desprezá-los.”

Dentro da abordagem Democrática, a afetividade ganha um novo enfoque no processo de ensino e aprendizagem, pois se acredita que a interação afetiva auxilia mais na compreensão e na modificação das pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente. A afetividade, no processo educacional, ganha seguidores ao colocar as atividades lúdicas no processo de aprendizagem.

Assim como o aluno precisa aprender a ser feliz e descobrir o prazer de aprender, nós educadores temos o dever de sermos felizes e de transmitir tal felicidade para que contagiemos os nossos educandos.

Se a criança não tem felicidade em casa, a escola é o melhor lugar para mostrar a ela que a felicidade existe para quem acredita nela. Se ela não tem afeto e carinho, porque não mostrarmos à criança o quanto é bom um afeto?

Podemos perceber, vivenciando o assunto, que na maioria das unidades escolares não ocorre à afetividade, pois o aluno é visto como mero objeto de aprendizado, ou seja, um ‘lugar’ onde o conteúdo deve ser depositado.

Precisamos quebrar os paradigmas e pensar na criança como um todo, um todo formado de emoções, sensações e amor. Por isso é necessário que deixemos um pouco de passar apenas os conteúdos e passemos a pensar na criança e no seu bem estar, psicológico, físico e cognitivo.

5.3 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E DA FAMÍLIA NA VIDA DO EDUCANDO

A Família é à base de tudo na vida do ser humano. É na família que aprendemos as primeiras noções da vida em sociedade, os primeiros conceitos de cultura, de afeto, de carinho, de exemplos.

A afetividade exerce um papel crucial na vida das pessoas e forma um elo na relação Professor-Aluno.

Apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, dissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras.

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando de uma só vez, a razão e a emoção. Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos.

As crianças precisam sentir-se amadas pelos pais, e pela família. O amor lhes dá segurança, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo que as cerca, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo.

Podemos perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pelo filho, pela escola, pelo que ele está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois se sentem orgulhosas de seus feitos.

O laço escola-família se faz mais do que necessário e é através dele que muitas vezes conseguimos vencer obstáculos no transcorrer da vida escolar da criança.

“A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. (Gabriel Chalita, 2004, pág.26). Por isso é de extrema importância criar um elo de comunicação entre a família e a escola. Ambas necessitam uma da outra.

“A escola faz um tipo de trabalho e a família outros, mas ambas complementam de forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem uma nem a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto.”
(ZAGURY, 2002, p. 24)

A interação entre a família e a escola não deveria ser reduzida meramente a reuniões formais, onde há reclamações e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior troca de informações, nos quais a família pudesse efetivamente participar do dia-a-dia da escola.

É de extrema importância ressaltar que o sucesso ou o fracasso no desenvolvimento escolar da criança é influenciado por diversos fatores, sendo o envolvimento da família com essas crianças o fator principal. As expectativas de pais em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que essas crianças estejam motivadas para um bom desempenho no processo de aprendizagem e durante toda a vida escolar.

6.0 – CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DAS CRIANÇAS ENTRE SEIS E OITO ANOS:

- É o centro do seu próprio universo. Egocêntrica;
- Sabe tudo e quer tudo; e quer fazer tudo à sua maneira;
- É dominadora, obstinada e agressiva;
- Emocionalmente é excitável e desafiadora;
- Eticamente é pouco apta devido à sua fase evolutiva, que lhe imprime a tentação de enganar, o que é mais notório no campo dos jogos;
- Aceita a culpa com mais facilidade em coisas grandes do que pequenas;
- Anseia o elogio e a aprovação;
- Possui dificuldade para decidir, vacila entre duas possibilidades;
- Está em plena adaptação a dois mundos: o de sua casa que lhe exige novas responsabilidades e o do colégio com todas as suas estruturas, regras, etc;
- Começa a ver-se e a conhecer-se a si própria; assim firma as bases para a sua autovalorização que culminará e amadurecerá nos 07 e 08 anos;
- As suas manifestações tensionais ou descargas chegam por vezes a um ponto limite, chegando por vezes a criança a perder o controle;
- Tem medo dos ruídos, essencialmente aos elementos da natureza (chuva, trovão) assim como aos seres humanos e fantasmas;
- Adora o elogio e não tolera a crítica;

Âmbito escolar

- Gosta do professor e quer agradar-lhe. Quer o seu elogio, a sua atenção e ajuda;

- Instintivamente, identifica-se com tudo o que sucede e está à sua volta, pelo que está capacitada para interiorizar novos conhecimentos e novas experiências pessoais e culturais;
- A mentalidade comum dos 06 anos não está ainda preparada para uma instrução formal da leitura, escrita e aritmética. Só é possível tornar vivos estes capítulos associando-os com experiências vitais;
- Os seus desenhos espontâneos são mais realistas. Capta o simples e o primitivo da natureza (casa, árvore, etc.);
- Começa nela o processo de se cultivar. Já não se limita a reproduzir a cultura, mas faz uma nova apreciação de si mesma e reorganiza-se em relação a esta cultura;
- Deseja seriamente estudar, apesar dos seus altos e baixos;

Diante do exposto, podemos observar que a criança nesta fase, necessita maior apoio, não só por parte dos professores, como também da família, pois há um processo de transição, de conhecimento e de novas descobertas que requerem compreensão, gerando assim, um maior grau de afetividade, levando estas ao estímulo de crescer e desenvolver intelectualmente.

6.1 - O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL HUMANO

A emoção é o primeiro modo eficiente de comunicação entre a criança e o mundo no qual está inserido. O seu valor adaptativo advém do fato de que elas demonstram um determinado estado rápido e poderoso.

As emoções se refletem em alterações corporais e geralmente surgem a propósito de acontecimentos, pessoas, recordações e ideia. Com uma grande versatilidade, que aparecem e desaparecem rapidamente.

Os sentimentos são estados privados, que só podem ser observados quando provoca uma reação imediata, ao contrário dos sentimentos que tem uma consciência presente.

Para Erikson (1998), a socialização humana pode ser dividida em 08 fases na qual cada uma delas é responsável por um conflito sócio-emocional do indivíduo, exigindo uma superação da crise para que se passe ao seguinte estágio.

7.0 - O RELACIONAMENTO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

As teorias da afetividade e do desenvolvimento humano que foram surgindo tem nos mostrado o quanto essas especificidades intervêm na individualidade humana e, portanto, não podemos estabelecer leis psicológicas gerais que devem ser aplicadas igualmente a todos os seres humanos.

São muitos os esforços praticados atualmente para adaptar o ensino às características individuais de cada aluno e, neste texto, foi considerada a individualidade desde o nascimento, as relações afetivas e educativas a que foram submetidos, a dimensão social e tecnológica e as relações sociais que estabelecem com os demais.

A relação que os pais estabelecem com seus filhos é de extrema importância na construção da autoestima. A criança com autoestima global baixa ou negativa terá maior dificuldade em estabelecer relações com seus pares.

Pais que supervalorizam as dificuldades apresentadas por seus filhos ou as minimizam impossibilitam-lhes avaliar as situações vividas de forma realista ou a aprender a lidar com suas próprias frustrações.

Estas crianças poderão sempre esperar pelos pais para que estes possam resolver seus próprios conflitos e com isto, desenvolver uma ideia de incapacidade.

Uma criança que é constantemente criticada por seus pais pode perder a confiança em seus impulsos e em seu critério, bem como, caso esta não seja criticada nem disciplinada carecerá de controle, pois poderá ter esta atitude como descaso ou falta de amor, para com ela.

De acordo com Rossini (2001), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, pois pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento.

O aspecto afetivo pode determinar sobre que conteúdos e atividade intelectual se concentrarão. Na teoria de Piaget (1974), o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral, na qual Piaget (1974) aponta que há aspecto do afeto que se desenvolve.

Quando uma criança apresenta dificuldade para aprender, segundo a Psicopedagogia, uma das primeiras tarefas do educando é o resgate da autoestima do educando, pois ninguém consegue aprender se não conseguir investir na própria aprendizagem se não tiver o desejo de aprender e acreditar nas suas possibilidades.

Então cabe ao professor, oferecer aos seus alunos oportunidades de acertos, experiências positivas que conduzam ao desejo de continuar aprendendo pra continuar acertando.

O aluno não recebe o fracasso escolar como um desafio a ser superado, afinal, isso uma maturidade que a criança não possui. Será necessário que o professor presenteie seu aluno com um recurso valioso: o elogio, que é altamente reforçador do sucesso.

O domínio do campo afetivo vai desde a parte física de reconhecimento de sensações e percepções até a percepção subjetiva de vivências, sejam estas conscientes ou inconscientes.

Embora tudo isso esteja na dependência de fatores como temperamento, humor e traços de personalidade que configuram cada um de nós, a verdade é que a afetividade penetra em todos os aspectos da vida psíquica, influência e é influenciada por todos os demais processos psíquicos, como motivação, memória, percepção, inteligência, pensamento, linguagem e vontade.

O estudo das emoções acompanha a evolução da ciência e observa-se o interesse em compreender o ser humano em suas reações mais íntimas e em suas atuações no meio em que vive.

Atualmente, entre os autores que mais se destacam nesse campo, pode-se referir Gardner (1995), que propôs a teoria das inteligências múltiplas, e Goleman (1995), que revolucionou o conceito de inteligência e emoções, com a obra intitulada “Inteligência Emocional” (1995).

Podemos dizer que o campo de estudos referentes à inteligência, é dominado por duas teorias: a da inteligência emocional e a das inteligências múltiplas. Essas teorias, na realidade, não se contrapõem, mas se complementam.

Wallon (1975) afirma que:

As emoções são a exteriorizações da afetividade (...) Nelas que se assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade.

As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON, 1975, p.143).

Na teoria de Wallon (1975), a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto no ponto de vista da construção da pessoa, quanto ao conhecimento.

A emoção é vista como um instrumento de sobrevivência, típico da espécie humana; se não fosse pela capacidade de mobilizar poderosamente o ambiente no sentido do atendimento de suas necessidades, o bebê humano pereceria.

O autor apresenta muitos subsídios à reflexão pedagógica, não somente por estudar o desenvolvimento da pessoa completa numa perspectiva dialética, mas, também por tratar das emoções, formações da personalidade, pensamento entre outros.

Além de sua teoria psicogenética, que traz inúmeras implicações educacionais, Wallon (1975) desenvolveu ideias acerca da educação onde enfoca que a demonstração de que nas interações ocorrem crises e conflitos; é importante conhecer os motivos destas manifestações para controlá-las e defendê-las. Para o autor:

Somos pessoas completas, com afeto, cognição e movimento. Relacionamo-nos com um aluno que também é uma pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento. Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno, onde o desenvolvimento não é linear e contínuo, e sim o desenvolvimento é dialético. (WALLON, 1975, p. 147).

Wallon (1975), afirma que: a emoção é a exteriorização da afetividade: é um fato fisiológico nos seus componentes hormonais e motores e, ao mesmo tempo, um comportamento social na sua função de adaptação do ser humano ao seu meio.

A emoção, antes da linguagem, é o meio utilizado pelo recém-nascido para estabelecer uma relação com o mundo externo. “a razão é o destino final do homem”.

8.0 – RESULTADOS E DISCURSÕES

As duas categorias de análise identificadas na pesquisa – **Postura e Conteúdo Verbal** – constituíram-se em fortes veículos de expressão da afetividade. Nas condições observadas, foram através de ambas as categorias que os aspectos afetivos manifestaram-se na mediação professor-aluno.

A partir dos dados coletados com relação às posturas da professora, o que mais se observou foi a frequência com que se mantinha próxima de seus alunos e a forma como os acolhiam fisicamente em suas necessidades. Tais posturas estabeleciam grande cumplicidade no processo de aprendizagem e foram extremamente valorizadas por eles, através de seus comentários. Seguem-se alguns exemplos:

Sujeito 2: “__ *Aqui na escola, a (nome da professora) ensina. Ela vem perto e ajuda. Eu nem sei as coisas e eu falo – ah, não sei fazê e desisto. Depois eu falo – ah, eu sei fazê. Quando ela tá perto eu não desisto.*”

Sujeito 3: “__ *Gosto quando a (nome da professora) fica perto porque ela é legal. Ela ajuda, ela conversa do meu trabalho. Isso ajuda, porque ela dá umas idéias pra gente.*”

Sujeito 4: “__ *Quando ela fica perto ajuda sim. Eu gosto. Eu faço o dever melhor.*”

Sujeito 5: “__ *Ela fica perto e vai falando e ajudando. Quando ela tá assim, ela tá me ajudando.*”

Sujeito 10: “__ *Quando a gente tá nervosa pra fazer a atividade ela não fica brava, senão irrita mais ainda. Quando tá nervosa pra fazer o trabalho, ela vem perto e fala – A você errou aqui. Aí ela fala onde tá a outra palavra que é o certo. Aí não fico mais nervosa.*”

Sujeito 12: “__ *Gosto quando a (nome da professora) fica perto, porque ela me ajuda. Acho que eu penso muito mais. Porque ela perto me ajuda mais, do que quando eu penso sozinho.*”

Os alunos apontaram a proximidade física como uma forma de ajudar, de transmitir segurança e tranquilidade diante das atividades. Reconheceram que ao se aproximar, a professora dava sugestões, idéias que eram aproveitadas por eles faziam correções.

A proximidade entre as professoras e os alunos proporcionou inúmeras formas de interação. Possibilitou diálogos intensos criando infinitas maneiras de auxiliar os alunos, caracterizou uma forma de demonstração de atenção bastante eficiente e facilmente notada por eles. A proximidade das professoras foi extremamente valorizada pelos alunos e constituiu-se uma forma de interação extremamente afetiva, que amenizava a ansiedade, transmitia confiança e encorajava o aluno a investir no processo de execução da atividade,

interferindo, significativamente no processo de apropriação da linguagem escrita. Segundo Dantas (1993), *“é impossível alimentar afetivamente `a distância”*(p. 75). A troca de sentimentos foi possível pela proximidade entre professoras e alunos.

Da mesma forma, a professora expressaram que se utilizam do recurso da proximidade para aliviar a ansiedade dos alunos, para amenizar o desgaste dos mesmos durante a realização da atividade e auxiliá-los com maior eficiência.

Professora: *“__ Até, quando eu falo da importância de estar perto, estar próxima, acompanhando mais passo a passo, tem a intenção também de amenizar esse desgaste. No momento em que você dá a atividade e pede pra criança escrever e você percebe que ela está com dificuldade, você senta junto e ajuda a criança.”*

O Contato Físico, outro aspecto relacionado ao comportamento postural, também apareceu como uma forma de interação bastante afetiva, ocorrendo em vários momentos durante a realização da atividade. Surgiu enquanto os alunos escreviam, ou liam para a professora, quando se aproximavam dela para perguntar alguma coisa, ou ainda foi observado acompanhando um elogio em virtude do término da atividade. Foi uma forma de interação bastante comentada pelos alunos.

Sujeito 2: *“__ A (nome da professora) sempre faz carinho. Eu gosto. Ela faz assim e assim (imita os carinhos da professora – põe a mão na barriga e mão no ombro), em quase todos os amigos. (...) É bom. Tudo que agrada é bom.”*

Sujeito 6: *“__ Ela faz carinho, às vezes. Ela põe a mão na cabeça da gente na hora que a gente tá escrevendo. (...)”*

Sujeito 10: *“__ Quando a gente fica muito nervosa, assim, pra achar, então ela vem perto e às vezes faz assim e ajuda a passar o nervoso. (Passa a mão na cabeça)”*

Os dados revelaram que, nessa idade, os gestos posturais expressam grande parte da afetividade, embora a linguagem oral predomine nas interações em sala de aula e tenham desempenhado um papel fundamental nas relações observadas. Na verdade, as posturas corporais complementaram e deram maior significado ao que era dito oralmente.

Quanto aos conteúdos verbais, observou-se que os que tinham por objetivo incentivar e apoiar os alunos durante as atividades foram os identificados com maior frequência. Ambos referem-se às interações verbais que tinham por objetivo encorajar, envolver e ajudar o aluno, no sentido de fornecer elementos que possibilitassem uma constante elaboração por parte dele. Nesse sentido, infere-se que existiu, por parte das professoras, maior preocupação com o processo de execução da atividade e não apenas com o resultado final.

Os alunos evidenciaram em seus comentários tanto a forma de se falar, como o conteúdo propriamente dito, demonstrando a relação entre o prazer em aprender, o interesse em fazer e a atuação do outro.

Sujeito 1: “ *__ Eu tô gostando de escrever mais agora porque a (nome da professora) tá ensinando. Antes eu gostava, mas ninguém me ensinava.*”

Sujeito 2: “ *__ Ela faz coisa na lousa, escreve, ela desenha... Eu olho tudo que ela escreve, desenha e tô ficando craque. Ela é muito craque! Olha eu copiando da lousa! (...) Ela vai falando e escrevendo e eu olho bem e vou fazendo. Ela me ajudou a ficar melhor.*”

Os comentários dos alunos evidenciaram que a qualidade da interação professor-aluno traz um sentido afetivo para o objeto de conhecimento e influencia a aprendizagem do aluno. Os comentários dos alunos a respeito dos conteúdos verbais emitidos pela professora, apontaram, muitas vezes, as modulações da voz indicando o caráter afetivo que marca a relação.

Sujeito 5: “ *__ Quando ela fala com a gente ela fala de um jeito bom.*”

Sujeito 10: “ *__ Ela tem paciência. É assim – tem que falar calminha e não assim: Você errou aqui! Não é brava, não. Alba aqui você escreveu errado, aqui tem o F no meio, por exemplo. Ai eu errei uma coisa Ai ela fala assim, tá aqui A-NA-LA-ÍS. Ela fala baixinho pra não atrapalhar os outros também.*”

A professora, por sua vez, demonstrou a preocupação de encorajar os alunos a investirem no próprio aprendizado confiando na capacidade de cada um e fortalecendo a autoestima.

Professora: “ *__ Eu acho importante que eles sintam (...) que eu sou cúmplice, vou estar ajudando, sou amiga, e não aquela professora que vai estar julgando o certo e o errado – você fez certo, você fez errado, ou vocês são forte ou fraco. Acho que isso não existe. Acho que todo mundo tem que estar sentindo que eu estou aqui valorizando o desenvolvimento individualmente e respeitando cada um. O aluno deve se sentir seguro, se sentir tranquilo, pra se colocar. Não pode ter receio de apostar, de investir nessa escrita, de acreditar nas hipóteses dele. Por isso, é importante ter uma pessoa que o incentive. Claro, que não é aquele incentivo de falar que está tudo lindo, mas que o coloque em conflito também. Se a gente estiver intermediando com calma, transmitindo segurança, ajudando ele elaborar essa construção, seu ritmo vai ser diferente.*”

A professora demonstra que o fato de terem consciência do entrelaçamento dos aspectos afetivos e cognitivos, tinha maior possibilidade de controlar e reverter sentimentos negativos, como também explorar de maneira positiva o desejo de aprender e o interesse em fazer.

9.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco deslocasse para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que, o que se faz, como se faz, em que momento e por que, afetam profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. O comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente. Através dos comentários desses alunos, foi possível obter uma amostra de como vêem, sentem e compreendem alguns aspectos do comportamento dessas professoras e a influência destes na aprendizagem.

A partir dos dados, pôde-se concluir que existem transformações importantes nas formas de expressão e mudanças significativas nos níveis de exigência afetiva. As formas de expressão que utilizam exclusivamente o corpo, como o toque, os olhares e as modulações da voz, vão ganhando maior complexidade. *“Com o advento da função simbólica que garante formas de preservação dos objetos ausentes, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. Não mais restrita à trocas dos corpos, ela agora pode ser nutrida através de todas as possibilidades de expressão que servem também à atividade cognitiva.”* (Dantas, 1993, p. 75). Nesse sentido, é possível concluir que a afetividade não se limita apenas às manifestações de carinho físico e de elogios superficiais.

Como salienta Dantas (1993), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. *“As manifestações epidérmicas da “afetividade da lambida” se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”*(p. 75). Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.

Dantas (1992, 1993) refere-se a essas formas de interação como *“cognitivização”* da afetividade.

Conforme a criança avança em idade, torna-se necessário *“ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem.”* (Almeida, 1999, p. 108). Mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constituem-se formas cognitivas de vinculação afetiva.

Os dados apresentados parecem confirmar que existiu um refinamento nas trocas afetivas. Foi comum encontrar, nos depoimentos tanto de alunos como nos das professoras, referências ao respeito, à colaboração, à valorização de cada um e o desejo de compreender o outro. Assim, quanto melhores forem as condições de se cultivarem sentimentos como estes, mais consistentes e profundos serão os relacionamentos, promovendo uma aprendizagem significativa.

É certo que as relações entre as pessoas não são sempre permeadas pela tranquilidade e pela suavidade. Os fenômenos afetivos referem-se igualmente aos estados de raiva, medo, ansiedade, tristeza. Essas emoções e sentimentos estão presentes nas interações sociais. No entanto, deve-se ressaltar que na presente pesquisa, tais manifestações não foram observadas, pois os dados coletados restringiram-se apenas às situações específicas de aprendizagem, envolvendo atividades acadêmicas de produção de escrita. Além disso, as professoras demonstraram, através das entrevistas, uma grande preocupação em trabalhar com sentimentos de ansiedade e insegurança, que influenciam negativamente o processo de aprendizagem. Foi possível inferir, a partir das entrevistas, que há discussões entre as professoras a fim de se planejar ações concretas para amenizar os efeitos desarticuladores que tais sentimentos provocam. Wallon e vários autores estudiosos de sua psicogênese já afirmaram que é possível atuar sobre o cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse sentido, torna-se evidente que condições afetivas favoráveis facilitam a aprendizagem. Os dados apresentaram momentos onde se destacou a preocupação das professoras em transmitir tranquilidade aos alunos, favorecendo o processo de aprendizagem.

Wallon (1971) defende, em sua teoria, o caráter contagioso das emoções. *“A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio”* (p. 91). Conclui-se, portanto, que o professor contagia e é contagiado pelos alunos.

Os dados demonstraram que as professoras atuavam com o objetivo de combater o excesso de ansiedade que surgia durante as atividades, buscando contagiar os alunos com sentimentos que tranquilizavam, encorajavam e fortaleciam-nos na execução das mesmas.

Medo, angústia, ansiedade e frustração são sentimentos que desgastam o aluno. A serenidade e tranquilidade das professoras auxiliaram na redução ou até a eliminação desses sentimentos desagregadores, permitindo o que Dantas (1994) denomina de *“destravamento”* da atividade cognitiva.

Os dados apresentados revelaram professoras atuantes, observadoras, intérpretes perspicazes das intenções, desejos e dizeres dos seus alunos. Mostraram-se preocupadas em

identificar os entraves que surgiam tanto na relação entre elas e os alunos, como entre eles e a atividade, entre eles e a escrita e também entre si mesmos. Deram demonstrações, através de suas posturas e seus dizeres, que buscam, constantemente, compreender os meandros que surgem no processo de apropriação do conhecimento, aqui especificamente relacionado com a escrita. Muitas vezes, observando as posturas, os olhares, as qualidades dos gestos, a entonação na fala e até a respiração dos alunos, é possível buscar interpretações para estados internos profundos “*dos quais depende o bom ou mau funcionamento dos processos cognitivos.*” (Dantas, 1994, p. 46).

Em muitos momentos, nos comentários dos alunos, destacaram-se o desejo, o prazer em realizar a atividade e de vencer os desafios. As formas de atuação das professoras, assim como o tipo de atividade que planejavam, foram os indicadores deste desejo e prazer manifestos por eles. Demonstrou-se uma intenção, expressa por parte das professoras, de planejar atividades que despertassem o interesse dos alunos.

Outro ponto observado nos dados foi a importância das diversas formas de interação entre as professoras e os alunos, para a construção da auto-estima e da autoconfiança, influenciando diretamente no processo de aprendizagem. Frequentemente detectaram-se, nas interações, sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação.

Da mesma forma, evidenciaram-se sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. Nesse sentido, pôde-se concluir que as experiências vividas em sala de aula permitiram trocas afetivas positivas que não só marcaram positivamente o objeto de conhecimento, como também favoreceram a autonomia e fortaleceram a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões.

10.0 – CRONOGRAMA

Atividade	1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana
Observação em sala de aula	X		
Relato de Experiências		X	X
Culminância			X

11.0 – REFERÊNCIAS

_____ (mimeo) Afetividade e vida de relação. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/* Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. p 107-108.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância.** São Paulo: Scipione, 1990.

CHALITA, Gabriel B.I. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 1998.

COMENIUS, Jan Amos. *Didática Magna.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTAS, H. (1992) Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus Editorial Ltda.

_____ (1993) Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, n ° 3, p. 73-76.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Arte Médicas, 1995.144 p.

PIAGET, J. **A psicologia da criança;** São Paulo: Bertrand, 1974.

VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, Ícone/Edusp, 1996.

VYGOSTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** Martins Fontes - São Paulo. 5ª edição, 1994.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa 1975.